



A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PESQUISADOR NA CONTEMPORANEIDADE

1

Lucas Arruda Santiago²

¹ Trabalho da disciplina Constituição do Conhecimento do Professor – Compreensões Contemporâneas, ministrada pelas docentes Eva Teresinha de Oliveira Boff, Fabiana Diniz Kurtz da Silva e Maria Cristina Pansera de Araújo no semestre 2024.1 do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação nas Ciências – PPGEC/UNIJUI.

² Mestrando em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Especialista em Coordenação Pedagógica pela Faculdade Herrero. Especialista em Multiletramentos: Tecnologias Digitais, Comunicação e Arte pela Faculdade Herrero. Especialista em Educação de Jovens, Adultos e Idosos pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Licenciado em Letras Habilitação em Língua Portuguesa, Inglesa e suas Respectivas Literaturas pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. E-mail: lucas.santiago@sou.unijui.edu.br

RESUMO

O presente artigo visa analisar e compreender a importância do professor pesquisador na contemporaneidade. Professor Pesquisador é considerada uma tendência pedagógica fundada por Lawrence Stenhouse (1926-1982), cuja produção se destacou entre as décadas de 60 e 70 na Inglaterra. Abordar e discutir tal temática é sempre pertinente no que diz respeito à formação docente e à prática educativa. A docência é uma atividade desafiadora e complexa que requer dedicação e disposição para pesquisar, questionar, avaliar, investigar, recriar. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica, por intermédio do diálogo entre Demo (2015), Dickel (1998), Freire (1991), Lüdke (2001), Marastoni (2014), Tardif (2014) e outros autores. Ensinar não significa apenas compartilhar conhecimentos, mas possibilitar novas construções. A pesquisa estabelece mudanças na visão de mundo, pois é uma atividade problematizadora. Traz muitas contribuições ao ensino e ajuda a desenvolver uma sociedade menos desigual.

Palavras - chave: Educação. Docência. Pesquisador. Professor.

ABSTRACT

This article aims to analyze and understand the importance of the research teacher in contemporary times. Research Professor is considered a pedagogical trend founded by Lawrence Stenhouse (1926-1982), whose production stood out between the 60s and 70s in England. Discussing this topic is always relevant with regard to teacher training and educational practice. Teaching is a challenging and complex activity that requires dedication and willingness to research, question, evaluate, investigate, recreate. Bibliographical research was used, through dialogue between Demo (1996, 2015), Dickel (1998), Elliott (1998), Freire (1991, 2001), Lüdke (2001), Marastoni (2014), Tardif (2014), Zeichner (2018) and other authors. Teaching does not just mean sharing knowledge, but enabling new constructions. Research establishes changes in the worldview, as it is a problematizing activity. It makes many contributions to teaching and helps to develop a less unequal society.

Keywords: Education. Teaching. Researcher. Teacher.

INTRODUÇÃO



Professor Pesquisador é considerada uma tendência pedagógica fundada pelo educador Lawrence Stenhouse (1926-1982), cuja produção se destacou entre as décadas de 60 e 70 na Inglaterra. Defendia um posicionamento de investigação da prática por parte dos professores e acreditava que todo educador tinha que assumir seu lado experimentador no cotidiano e transformar a sala de aula em um laboratório, se desenvolvendo profissionalmente por intermédio da pesquisa. Stenhouse instigou a pesquisa na educação básica e defendia que os docentes elaborassem o próprio currículo, adequado à realidade dos estudantes.

De acordo com André (2005 *apud* Fagundes, 2016, p. 283), o movimento que valoriza a pesquisa na formação docente é recente e ganha força no Brasil a partir do final da década de 1980, crescendo bastante no decorrer da década de 1990.

A profissão docente possui muitas atribuições, a principal delas é socializar os conhecimentos adquiridos e as experiências vivenciadas. Na contemporaneidade, com tantas informações à palma da mão, não se admite o mero ensino tradicional em sala de aula, a dita transferência de conhecimentos. Para forjar uma educação de qualidade e buscar desenvolver práticas contextualizadas tem-se a pesquisa como instrumento norteador. Cabe aos professores pesquisar, buscar novos conhecimentos para progredir e aperfeiçoar o processo ensino e aprendizagem, como também incentivar o hábito da pesquisa desde cedo aos seus alunos. “Aprender a pesquisar, fazendo pesquisa, é próprio de uma educação transdisciplinar, que segundo os nossos dados, deveria se iniciar desde a pré-escola” (Fazenda, 2008, p. 10).

As rápidas transformações cultural, social e tecnológica no século XXI tem demonstrado a importância do professor pesquisador, bem como a sua atuação visando utilizar as melhores práticas educacionais. Exercer a docência exige manter-se em sintonia com as mudanças e vivências do mundo contemporâneo e, sobretudo, refletir criticamente sobre as práticas.

A formação docente ocorre de forma gradativa, contínua e é repleta de desafios, onde o tempo e a maturidade proporcionam ampliar a visão profissional e a visão de mundo. O professor, assim como outros trabalhadores, é um indivíduo que possui história de vida, limitações, sonhos, desafios e desejos que precisam ser considerados para uma



profissionalização eficaz.

A docência é uma atividade desafiadora e complexa que requer do indivíduo dedicação e disposição para ler, pesquisar, questionar, avaliar, investigar, recriar. Para Boufleuer (2023), assumir a condição de educador requer efetivo investimento na sua formação, com base numa rigorosa disciplina intelectual. Ou seja, o aprendizado é um ganho que têm custos, no referido caso, o foco, o esforço, o empenho, a perseverança, as renúncias. Freire (1991, p. 58) complementa que “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática”.

A pesquisa estabelece mudanças na visão de mundo, pois é uma atividade problematizadora. Traz muitas contribuições ao ensino e ajuda a desenvolver uma sociedade menos desigual. Como agentes de transformação, os docentes contribuem com seus conhecimentos, valores, saberes e experiências. Aliando a pesquisa a esses aspectos, as possibilidades de êxito numa educação que se deseja de qualidade são ainda maiores. O referido trabalho está relacionado aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), 4 - Educação de Qualidade “Assegurar a educação inclusiva, e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”.

METODOLOGIA

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica, por intermédio do diálogo entre Demo (1996, 2015), Dickel (1998), Elliott (1998), Freire (1991, 2001), Lüdke (2001), Marastoni (2014), Tardif (2014), Zeichner (2018) e outros autores. Essa tipologia de pesquisa permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos amplos, auxilia na atividade intelectual e possibilita o conhecimento cultural em todas as formas de saber.

A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR PESQUISADOR

O conhecimento teórico é fundamental aos futuros professores, mas tal formação



deve englobar também a prática e os saberes advindos da experiência, contemplando a reflexão crítica e a pesquisa. O contato com o cotidiano da sala de aula é essencial. Zeichner (1995 *apud* Dickel, 1998) corrobora ao afirmar que os docentes não podem figurar apenas como simples executores passivos de ideias concebidas por outros. No exercício de suas atividades, os educadores produzem diversos conhecimentos que somadas às experiências que possuem perfazem um instrumento de formação e aperfeiçoamento a ser compartilhado com outros sujeitos, ocasionando mudanças na escola.

O professor está no centro do processo da pesquisa educacional, visto que, fundamentalmente, é ele que está a cargo das aulas. As aulas são o laboratório ideal para a comprovação da teoria educativa do ponto de vista de um experimentalista; o professor é um observador participante potencial nas aulas e escolas, do ponto de vista da observação naturalista; e de qualquer ponto de vista, o professor é rodeado por oportunidades de investigar (Dickel, 1998, p. 53).

É importante que o professor se mantenha pesquisador, buscando sempre constituir o seu conhecimento em cima de releituras ou de novas leituras, de assumir a própria realidade escolar como objeto de pesquisa, análise e reflexão. Não basta mudar o espaço escolar. Mais do que tecnologias, o professor precisa saber utilizá-las. Com as rápidas transformações vivenciadas, há na área educacional a necessidade de um projeto pedagógico flexível e em constante revisão, visando atender aos anseios que se apresentam de diferentes formas. A pesquisa é um instrumento valioso para atualizar tal projeto.

Um professor mal preparado e desmotivado não consegue dar boas aulas nem com o melhor dos livros, ao passo que um bom professor pode até aproveitar-se de um livro com falhas para corrigi-las e desenvolver o velho e bom espírito crítico entre seus alunos. Mais do que o livro, o professor precisa ter conteúdo (Pinsky, 2004, p. 22).

A sociedade contemporânea requer do docente uma série de mudanças em seus procedimentos metodológicos. Por muito tempo, o educador era a figura principal do processo de ensino e de aprendizagem, sendo considerado o único detentor do saber. No referido contexto, os professores não permitiam uma participação mais ativa por parte do corpo



discente. Brito e Purificação (2012, p. 47) afirmam que:

Nesta aldeia global, o professor ainda se considera um ser superior que ensina ignorantes. Isso forma uma consciência “bancária” – o aluno recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do professor. Apontamos como caminho para o docente, que ele recupere o seu lugar na formação continuada, entendida aqui como ações tanto na direção de busca de conhecimento formal quanto, principalmente, de tomada de consciência de seu próprio fazer pedagógico.

As atribuições e a figura do profissional docente não perderam sua importância, no entanto algumas práticas passaram e passam por mudanças. Assim, o professor assume uma postura de mediador pedagógico. Masetto (2006) caracteriza como mediador pedagógico o educador que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem. Que se dispõe como uma “ponte rolante” entre o aprendiz e a aprendizagem, fazendo com que atinja seus objetivos.

Postular um ensino baseado na pesquisa é, ao meu modo de ver, pedir-nos, como professores, que compartilhem com nossos alunos ou estudantes o processo de aprendizagem do saber que não possuímos; deste modo podem obter uma perspectiva crítica da aprendizagem que consideramos nossa (Stenhouse, 1996, p. 159 *apud* Dickel, 1996, p. 52).

Ao assumir o papel de pesquisador, o professor compromete-se com a elaboração própria, com o ato de questionar, com a emancipação, formação cidadã, criatividade, possibilita situações de descobertas e estimula os alunos ao senso crítico e a conquista da autonomia. A pesquisa é fundamental ao trabalho docente, pois permite ter uma atitude questionadora, crítica e reflexiva sobre a própria prática e contribui para o diálogo com diversas áreas do conhecimento, simultaneamente. Para a pesquisa estar presente em sala de aula, cabe aos educadores estabelecê-la com clareza nos seus planejamentos.

A formação inicial docente deve ser sólida e propiciar a relação teoria e prática, cujos conhecimentos sejam significativos para atender o cotidiano escolar, suas demandas e objetivos. Aprender e ensinar na contemporaneidade enseja desenvolver modos de saber-fazer, construir dia a dia novas ações e intervenções coerentes com a realidade.



Tardif (2014) afirma que é no início da carreira docente que a estruturação do saber experiencial é mais forte, estando ligada ao mundo do trabalho. Gradualmente, tal experiência vai dando aos professores certezas em relação ao contexto de trabalho, estabelecendo a sua integração à escola. Tal início é acompanhado de uma fase crítica, visto que a partir das certezas e dos condicionantes da experiência prática que os educadores avaliam sua formação universitária anterior. Assim, muitos aspectos da profissão se aprendem com a prática, pela experiência no próprio trabalho.

Adotar a postura de professor pesquisador é investir na autoformação. Significa ter um espaço de aprendizagem, registrar o que faz e observa, fazer estudos, discussões, reflexões e interpretações ao longo da jornada. Ser professor não se resume a saber e ensinar os conteúdos das disciplinas. Requer “o domínio de uma série de capacidades pessoais e sociais que formam parte da nossa inteligência emocional e nos ajudam a estabelecer e a construir de forma mais adequada nossa relação com os alunos, pais e toda a comunidade escolar” (Marastoni, 2014, p. 12).

A formação do professor pesquisador dialoga com o anseio de transformação social, que tem a escola como espaço de (re) construção do conhecimento. Formar-se com incentivo à pesquisa possibilita aos docentes:

Problematizarem, analisarem, criticarem e compreenderem suas práticas, produzindo significado e conhecimento que direcionam para o processo de transformação das práticas escolares. Todavia, reflexão não é sinônimo de pesquisa e o professor que reflete sobre a sua prática pode produzir conhecimento sem, necessariamente, ser um pesquisador. Quando ele avança, indo ainda além da reflexão, do ato de debruçar-se outra vez para entender o fenômeno, encurta a distância que o separa do trabalho de pesquisar, que apresenta, entretanto, outras exigências, entre as quais a análise à luz da teoria (Lüdke, 2001, p. 8).

Através da pesquisa, da reflexão e com base no rigor da ciência, o docente tem a possibilidade de emancipar-se e contribuir na emancipação de outros sujeitos. Na obra *Educar pela Pesquisa*, Demo (2015, p. 47) apresenta os cinco desafios dos professores enquanto pesquisadores no contexto educativo: “1 - (Re) construir projeto pedagógico próprio; 2 - (Re) construir textos científicos próprios; 3 - (Re) fazer material didático próprio; 4 – Inovar a



prática pedagógica; 5 – Recuperar constantemente a competência”.

A construção do projeto pedagógico é democrática, deve contar com a participação de toda comunidade escolar. Tal documento precisa ser revisado, reelaborado e posto em prática, devendo constar nele a identidade, os objetivos, as metas, os anseios e a realidade da escola. O engajamento dos professores é fundamental nesse processo colaborativo que pode ocasionar importantes mudanças, onde a pesquisa se faz presente.

Ao trabalhar em equipe, envolvendo a pesquisa, surgem diferentes pontos de vista e aprendizagens. É preciso estar atento à questão da representatividade, pois todos devem estar inseridos nos processos educativos, o que possibilita haver transformação.

Zeichner e Diniz-Pereira (2005) argumentam que os docentes tornam-se melhores quando conduzem as investigações sobre suas ações e que isso tem efeito positivo na qualidade da aprendizagem dos alunos. Citam também que a pesquisa dos educadores pode alcançar mudanças positivas na cultura e produção das escolas.

Trabalhando em conjunto, professores da educação básica e professores universitários podem promover intervenções relevantes nas práticas pedagógicas e no currículo. Zeichner (1998) aponta meios para a superação da divisão existente entre pesquisa acadêmica e pesquisa realizada pelos demais docentes:

[...] por meio do envolvimento dos profissionais das escolas em discussões sobre o significado e a importância das investigações desenvolvidas nas universidades e demais instituições de pesquisa; por intermédio do desenvolvimento de projetos de pesquisa em colaboração com os professores nas escolas em que velhos modelos hierárquicos são realmente superados; e, finalmente, por meio do apoio a projetos de pesquisa-ação, desenvolvidos pelos educadores, levando muito a sério o conhecimento produzido nesse processo (Zeichner; Diniz-Pereira, 2005, p. 17).

É necessário superar o isolamento entre professores das escolas e das universidades. O reconhecimento e financiamento das pesquisas e ações de ambos são necessários. As parcerias são importantes e contribuem na qualidade da educação e no desenvolvimento social.

PESQUISA DO DIA A DIA: CONTRIBUIÇÕES DE LAWRENCE STENHOUSE



Stenhouse acreditava na capacidade dos professores elaborarem um currículo, de desenvolvimento e reavaliação permanente, que contribuísse para emancipação dos protagonistas da escola. Entendia o currículo não como projeto, mas como processo (Dickel, 1998). Assim, o currículo só era capaz de garantir desenvolvimento profissional por intermédio de sua recriação, considerando os problemas enfrentados em sala de aula pelos docentes. Compreende-se que o currículo é algo hipotético, só comprovado na prática, dentro da sala de aula. Nesse contexto, o educador é peça-chave na construção da teoria educativa.

Stenhouse defende uma teoria da ação educativa hipotética, provisória submetida continuamente à revisão e à crítica, desenvolvida sistematicamente por meio de experimentos realizados em “laboratórios”: uma autêntica classe a cargo de professores e não de pesquisadores. A pesquisa adequadamente aplicável à Educação é a que desenvolve teoria que pode ser comprovada pelos professores. É nesse contexto que se faz necessário o professor como pesquisador, movido pela indagação sistemática, tornando a sua prática da mesma forma hipotética e experimental (Dickel, 1998, p. 50).

Além de se opor a ideia de currículo como listagem de conteúdos, Stenhouse também se opunha ao entendimento do currículo um processo técnico, em que conteúdos eram concebidos para transmitir aos alunos conhecimentos previamente elaborados. Cabe ao professor buscar entender situações concretas que se dão nas práticas, isso advém da sua capacidade e interesse de investigar. Conforme Lüdke (2001, p. 80), no trabalho de Stenhouse (1975) o professor pesquisador aparece como o profissional que, comparado a um artista, busca as melhores formas de atingir os alunos no processo ensino-aprendizagem, isto é, utiliza diferentes materiais, procura as soluções mais adequadas.

O contexto vivido por Stenhouse não reconhecia o papel do professor como produtor de conhecimento. As pesquisas e teorias relacionadas à educação não dialogavam com as situações educativas. O conceito de professor pesquisador traduz a defesa que Stenhouse faz ao docente como sujeito capaz de produzir conhecimentos sobre a prática educativa, podendo construir teorias a partir delas. Sua contribuição demonstra uma visão humanística sobre o trabalho docente, que valorizar o ser humano e ao pesquisá-lo, elucidarmos os significados,



anseios, princípios e preocupações, que se apresentam por intermédio de ações e experiências.

O conhecimento científico é dinâmico e deve ser permanentemente analisado pelos docentes, pois pode ser aperfeiçoado, melhorado. Requer uma atitude investigativa, não deve ser aceito como mera prescrição de especialistas que não conhecem o cotidiano da sala de aula.

Stenhouse acreditava na dúvida e na desconfiança como ferramentas para descobertas além do significado imposto, colocando a exame crítico às camadas da sociedade, sem aceitar o dito como incontestável; saindo da zona de conforto da crença paralisante de dependência advinda de figuras que representam a autoridade acadêmica, que impõem que suas produções sejam seguidas sem questionamentos. Acreditava no desenvolvimento da independência do espírito, da transformação da visão de que o conhecimento era somente o sustentado pela tradição escolar (Rudduck, 1988).

PROFESSOR: UM TRABALHO DE INTERAÇÃO HUMANA

O trabalho do professor ecoa sobre ele próprio, seus conhecimentos, identidade, experiências profissionais, dispositivos da organização do trabalho e suas interferências. A instrução é uma atividade que integra a cultura da modernidade e impacta a economia, a política e tantos outros aspectos. É impossível não associar o conceito moderno de cidadania à instrução.

Tardif e Lessard (2008) afirmam que a maioria dos pesquisadores em ciências da educação reconhece a importância de partir da análise dos contextos cotidianos para descrever e compreender sua atividade com êxito, considerando suas peculiares dificuldades e seus pontos fortes. O trabalho do professor constitui-se interativo, isto é, com e sobre outro ser humano. Assim, os sujeitos são o foco e o “objeto” de trabalho do processo educativo. Na educação, as relações entre profissionais e os educandos perfazem o processo de trabalho que consiste em manter, transformar e melhorar a situação de ambos.

O trabalho docente é complexo e se dá através de mediações linguísticas e simbólicas, que requer competências reflexivas de alto nível, capacidades profissionais para



gerir com êxito as interações e conhecimento sobre vários conceitos presentes na escola. O trabalho interativo é um dos principais vetores de transformações atuais da organização socioeconômica das sociedades modernas. Assim como a medicina e o direito, a docência é uma antiga ocupação moderna, porém a menos valorizada. Esse fato é intrigante, pois é justamente o professor que contribui na formação de outros profissionais.

Os professores exercem suas atividades no isolamento, tal como um artesão produzindo individualmente. Eles são conscientes de que não detêm todo o conhecimento disponível sequer de suas próprias áreas e que a escola não é o único local de formação e informação. É de suma importância estabelecer o compartilhamento dos saberes e das experiências vividas. A pesquisa, a prática do planejamento coletivo, a elaboração e a execução de projetos interdisciplinares, por exemplo, são ações que possibilitam tornar o trabalho docente enriquecedor, motivador e significativo, tanto para sua profissionalização, quanto para o corpo discente, contribuindo positivamente para toda a comunidade escolar.

A relação pedagógica por constituir-se numa interação humana não se reduz a algo estritamente técnico, objetivo e instrumental, devendo levar em consideração questões fundamentais relativas à afetividade e à ética. Para Abraham (1984 *apud* Tardif e Lessard, 2008), a afetividade assume um lugar de destaque, pois é a partir das experiências afetivas fortes – relações com os alunos, experiências difíceis ou positivas – que o “eu-profissional” do professor se constrói e se atualiza.

Segundo Tardif e Lessard (2008), muitos autores procuram definir a docência como um trabalho cognitivo e cujo objetivo, sobretudo simbólico, é favorecer a aquisição de uma cultura, permitir a construção de conhecimentos. O trabalho interativo com e sobre o ser humano envolve outras ações além de instruir, tais como: ajudar, estar aberto ao diálogo, saber escutar, servir, entreter, animar, cuidar. São ações que requerem empatia, compreensão, a abertura do espírito e as emoções do educador. Um dos maiores desafios do professor é motivar, fazer com que os alunos tenham interesse em aprender, participar das aulas, pesquisar, convencê-los de que a escola vai contribuir nas suas formações pessoal e profissional.

A docência apresenta normatividade e necessita de vários elementos para efetivar-se



– objetivos, saberes, técnicas, resultados, processos. Tardif e Lessard (2008) apresentam alguns assuntos ligados à docência que são de interesse dos pesquisadores – planejamento de ensino, avaliação da aprendizagem, crenças e representações dos professores, saberes produzidos pelos docentes, o desgaste profissional. Atualmente, poderíamos acrescentar mais assuntos à lista: a identidade docente, a constituição do conhecimento do professor, a saúde mental do professor, a iniciação científica, o professor na contemporaneidade, o planejamento coletivo.

Caracterizada como uma profissão de relações humanas, a docência distingue-se da maioria das outras ocupações em que a relação com a clientela é mais individualizada. Atuando num ambiente fechado, seu objeto de trabalho é público e coletivo. Para o professor, um grupo de alunos representa diversos papéis, simultaneamente, seu espaço e material de trabalho, como também uma fonte de resistências a ser superada na intenção de atingir objetivos, visto que um grupo de alunos pode facilitar/colaborar ou dificultar o planejamento docente.

O trabalho docente é uma construção social múltipla, cujas metodologias requerem escolhas epistemológicas. A interatividade perfaz o principal objeto de trabalho do professor. Ensinar é um trabalho interativo que exige formação de forma permanente. Doyle (1986 *apud* Tardif e Lessard, 2008) apresenta uma descrição clássica dos eventos que se produzem na sala de aula com as seguintes categorias de natureza interativa e significativa: multiplicidade, imediatez, rapidez, imprevisibilidade, visibilidade, historicidade e simultaneidade.

PESQUISA CIENTÍFICA E EDUCAÇÃO

Conforme Ghedin (2009), a pesquisa possibilita aos professores perfazer uma relação entre o saber já constituído com as reflexões surgidas da experiência e da prática, de modo a sistematizar e construir os próprios conhecimentos. Esse processo é essencial à formação docente, levando em consideração à história de vida e a carreira profissional.

Para formar um aluno pesquisador, o educador precisa ser exemplo. “Ensinar exige pesquisa”, como bem explanou Paulo Freire. Ainda reforçou “não há ensino sem pesquisa e



pesquisa sem ensino” (Freire, 2001, p. 32). Demo (1996) corrobora ao afirmar que o bom professor é aquele que alia seu processo formativo ao nível da criação, que vai além da descoberta científica. Caracteriza o papel do docente pesquisador quanto à capacidade de diálogo com a realidade, orientado no descobrir e no criar, elaborador da ciência, firme em teoria, método e prática. Ressalta também a importância de se elaborar material didático próprio:

Desde logo, será muito importante evitar que o professor se torne apenas usuário de material didático alheio, decaindo na condição de mero porta voz. Se isto suceder, o material didático realiza exatamente o contrário do que deveria realizar, porque, em vez de investigar o questionamento reconstrutivo, consolida a condição de objeto de ensino (Demo, 1996, p. 54).

Planejar as aulas mediante estudos e considerações sobre o cotidiano das turmas, torna o processo ensino-aprendizagem mais significativo e enriquecedor. Elliott (1998) defende a ideia do professor como pesquisador e percebe a pesquisa como eixo articulador e de integração de diferentes dimensões do processo educativo. Ela unifica o ensino, a avaliação, o desenvolvimento profissional, o currículo.

A iniciação científica, por exemplo, é uma oportunidade relevante para os estudantes desenvolverem e publicarem suas pesquisas, além de vivenciarem o cotidiano de um cientista. Tais programas visam fomentar essa produção. Nos projetos de iniciação científica se desenvolvem pesquisas em que executam revisões de temáticas relacionadas aos cursos, divulgam-se novas teorias e aplicam-se pesquisas de campo. Perfazem instrumentos de formação e constituição de estudantes e futuros professores pesquisadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa deve ser uma prática recorrente no trabalho docente. Compreende-se que a escola e seus protagonistas não são os mesmos de décadas atrás. As práticas pedagógicas e suas metodologias também passam por mudanças, conforme o contexto histórico-social vigente. Ao recorrer à pesquisa, os professores possibilitam tornar as relações pedagógicas



mais democráticas. Além disso, desenvolvem novas teorias de aprendizagem, visando uma educação de qualidade.

É necessário promover a formação integral dos estudantes. Os educadores, principalmente da Educação Básica, precisam de motivação, incentivos e de um aprofundamento maior sobre o exercício e a importância da pesquisa. Parcerias com as universidades podem ser um caminho para desenvolver estratégias relacionadas à pesquisa em sala de aula.

Buscar novos conhecimentos e aprimorar as práticas são atitudes do profissional que deseja tornar o ensino mais dinâmico. Cabe ao professor refletir criticamente sobre suas práticas, fazer uma autoavaliação frequente sobre suas aulas e carreira profissional, observando os pontos onde obteve resultados satisfatórios e os pontos que precisam ser aperfeiçoados. Dialogar e escutar os demais profissionais, compartilhar experiências são atitudes válidas. Formar alunos pesquisadores deve ser um compromisso, assim como não fornecer respostas prontas. Pelo contrário, despertar, provocar, estimular, questionar, instigá-los e orientá-los a encontrar soluções e alcançar os resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUFLEUER, José Pedro. **Docência na educação superior**: texto-base. UNIJUI, 2023.

BRITO, Gláucia da S.; PURIFICAÇÃO, Ivonélia da. **Educação e novas tecnologias**: um repensar. Curitiba: InterSaberes, 2012. 143 p.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2015.

DEMO, Pedro. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. São Paulo: Cortez Editora, 1996. 128 p.

DICKEL, A. Que sentido há em se falar em professor-pesquisador no contexto atual? Contribuições para o debate. In: GERALDI, C.M.G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E.M.A., (Org.). **Cartografias do trabalho docente**: professor/a pesquisador/a. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.33-72.

ELLIOTT, John. Recolocando a pesquisa-ação em seu lugar original e próprio. In: GERALDI, Corinta; FORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete (orgs.). **Cartografia do trabalho docente**: professor(a) – pesquisador (a). Campinas: Mercado das Letras, 1998. p.



135-149.

FAGUNDES, Tatiana Bezerra. Os conceitos de professor pesquisador e professor reflexivo: perspectivas do trabalho docente. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, n. 65, p. 281 – 298, abr. – jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

FAZENDA, I. (org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. São Paulo: Papirus, 1995.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

GHEDIN, Evandro. Tendências e dimensões da formação do professor na contemporaneidade. In: CONGRESSO NORTE PARANAENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 4., 2009, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009. p. 1 – 28. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/conpef/conpef4/trabalhos/>. Acesso em: 10 jul. 2024.

LÜDKE, M. O professor, seu saber e sua pesquisa. **Educação & Sociedade**, Campinas: CEDES, n. 74, p. 77-96, 2001.

MARASTONI, Josemary. **Múltiplas competências para os profissionais da educação**. 1 ed. Curitiba: IESDE BRASIL S/A., 2014.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Mediação pedagógica e o uso da tecnologia**. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos Tarciso; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2006.

PINSKY, J.; PINSKY, C. B.; KARNAL, L. (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

RUDDUCK, J. Changing the world of the classroom by understanding it: a review of some aspects of the work of Lawrence Stenhouse. **Journal of Curriculum and Supervision**, online, v.4, n.1, outono de 1988, p.30-42. Disponível em: https://files.ascd.org/staticfiles/ascd/pdf/journals/jcs/jcs_1988fall_rudduck.pdf. Acesso em: 05 jul. 2024.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes,



2014.

ZEICHNER, Kenneth M. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia; FIORENTINI, Dario; PEREIRA, Elisabete. Monteiro de Aguiar A. **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. 3. ed. Campinas: Mercado de Letras, Associação de leitura do Brasil – ALB, 1998. p. 207-236.

ZEICHNER, Kenneth M.; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio. Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 63 80, maio/ago. 2005.